

Literatura, filosofia e performance: “O banquete dos heróis” pelo Coletivo de Performance Heróis do Cotidiano

Prof. Dr. Gilson Motta¹ (UFRJ)

Resumo:

O banquete é um dos textos capitais da filosofia ocidental. A partir da prática cultural dos banquetes, Platão constrói um diálogo que discute uma das disposições fundamentais da vida humana: o Amor. Baseando-se na estética relacional e no ativismo poético, o Coletivo de Performance Heróis do Cotidiano retoma este texto, tanto para ouvir discursos atuais sobre o Amor, quanto para instaurar um espaço de convivência, onde a intimidade se manifesta no espaço público, de modo a fazer com que a criação artística seja o lugar da geração de novas percepções e de novas formas de sociabilidade. O trabalho apresentado no Simpósio Literatura e Outras Artes constitui-se da exibição do vídeo produzido pelo Coletivo a partir das apresentações feitas na Mostra SESC de Artes São Paulo 2010. O presente texto faz uma apresentação do Coletivo e da performance O banquete dos heróis.

Palavras-chave: Coletivo de Performance Heróis do Cotidiano, Performance, Estética Relacional, Filosofia, O banquete

1 Apresentação do Coletivo de Performance HERÓIS DO COTIDIANO

Em maio de 2009, um grupo de cinco artistas cênicos se reuniu a fim de realizar uma pesquisa acerca do herói na contemporaneidade. Deste encontro surgiu o **Coletivo de Performance Heróis do Cotidiano**. Atualmente, o Coletivo é formado por Gilson Motta, Jarbas Albuquerque, Larissa Siqueira, Marcelo Asth, Ricardo Telles e Tania Alice. No decorrer deste período, o grupo realizou uma série de performances e de intervenções urbanas a fim de atualizar o questionamento sobre o heroísmo e de colocar em evidência outras questões envolvidas direta ou indiretamente com este tema central, como por exemplo, a representação da memória coletiva no espaço público, a exclusão social, o consumo, o meio ambiente, a criação de um espaço poético na esfera do cotidiano, a busca de novas formas de sociabilidade, entre outros.

Com direção artística de Tania Alice e Gilson Motta, as performances do Coletivo fundem Intervenção Urbana, Teatro, Poesia e Artes Plásticas. A idéia básica do Coletivo é a criação de uma dimensão poética em espaços urbanos funcionalizados, de forma a re-territorializar e potencializar os afetos e os fluxos. Uma das bases teóricas das ações do Coletivo é constituída pelas teorias do crítico francês Nicolas Bourriaud, que valoriza o elemento relacional na arte, isto é, focalizado menos na obra em si do que em seu processo e na relação entre criadores e espectadores, a estética relacional valoriza a

criação de acontecimentos artísticos a partir da relação com o outro em seu contexto, de modo a gerar novas sociabilidades, novas formas de percepção. Nesta perspectiva, as ações do Coletivo têm um teor político por conduzirem a uma reflexão sobre o cotidiano, o uso do espaço urbano, os condicionamentos e os valores em vigor, propondo formas alternativas de ação e reação aos dispositivos sociais. Um desses condicionamentos diz respeito à própria figura do Herói, já que, atualmente, um ideal de heroísmo nas ações do cotidiano vem sendo estimulado por diversos setores da sociedade; vivemos cercados de heróis e pseudo-heróis que nos são por vezes impostos pela História e pela mídia. As intervenções questionam e repensam estes mitos acerca do Herói, gerando novas possibilidades de leitura e buscando identificar as formas de heroísmo contemporâneo.

Neste sentido, ao longo de dois anos de trabalho, o Coletivo realizou diversas ações performáticas, como **Poder da invisibilidade**, **Em busca do herói do cotidiano**, **Limpeza das estátuas**, **Soltando preocupações**, **Des-necessitados**, **Rio Branco**, **Salvar os ricos**, **Medit-Ações** e **O banquete dos heróis**, com as quais o Coletivo obteve alguma projeção na mídia, de modo a receber o Prêmio FUNARTE Artes Cênicas na Rua 2009 e a participar de alguns eventos artísticos, como mostras de vídeo (Mostra do Filme Livre do Centro Cultural Banco do Brasil, Cine Rock Festival do SESC) e eventos de performance, como a Mostra SESC de Artes de São Paulo 2010 e o Rio Cidade Criativa. Em 2011, o Coletivo foi contemplado com o prêmio de Circulação de espetáculos da Secretaria Estadual de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, devendo apresentar a performance **O banquete** em três municípios do Estado do Rio de Janeiro.

Atualmente, o trabalho do Coletivo é parte integrante de um projeto de pesquisa desenvolvido na Escola de Teatro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) por Tania Alice, doutora em Artes pela Universidade de Aix-Marseille I e professora de Dramaturgia, Performance e Teoria do Teatro na UNIRIO e também de um projeto de pesquisa desenvolvido na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob coordenação de Gilson Motta, pesquisador em teatro, cenógrafo e professor das áreas de Cena e Dramaturgia e Teatro de Animação. Desta forma, a produção artística do Coletivo se desdobra em atividades relacionadas ao ensino, à pesquisa e à extensão acadêmica.

A performance **O banquete dos heróis** constitui uma parte significativa desta produção, não somente por propor, por intermédio de uma prática artística de caráter relacional, a interseção das artes, como o teatro, o vídeo, as artes plásticas e a literatura, mas também por resgatar a proposta da pesquisa acadêmica que era desenvolvida por Gilson Motta e Tania Alice na Linha de Pesquisa **Adaptação de clássicos na contemporaneidade**, na Universidade Federal de Ouro Preto. Neste sentido, esta performance vem propor a releitura e a atualização de um texto clássico do pensamento filosófico ocidental.

2 Arte política e ativismo poético

Em função da diferente formação dos componentes do Coletivo, o trabalho dos Heróis do Cotidiano baseia-se num corpo teórico bastante diversificado, que reúne Nicolas Bourriaud, Gilles Deleuze, Felix Guattari, Hakim Bey, Michel Foucault e Michel Onfray. A idéia básica do Coletivo é a criação de uma dimensão poética em espaços urbanos funcionalizados, de forma a re-territorializar e potencializar os afetos e os fluxos. As performances inserem-se assim no que chamamos de ativismo poético: a conciliação da ação artística com perspectivas políticas e sociais, a partir de um questionamento do uso do espaço urbano, dos condicionamentos e dos valores em vigor, de modo a gerar novas sociabilidades e a propor formas alternativas de ação e reação aos dispositivos sociais.

Além deste corpo teórico, o Coletivo reflete também sobre o Heroísmo na atualidade, baseando em autores como Lucy Hughes-Hallett, Joseph Campbell, Umberto Eco e Luc Ferry. As intervenções questionam e repensam as idéias acerca do Herói, gerando novas possibilidades de leitura e buscando identificar as formas de heroísmo contemporâneo. Em nossas intervenções-pesquisas práticas constatamos a assimilação por parte da população de certo ideal equivocado de heroísmo que vem sendo estimulado pela mídia, ideal este que, ao realçar o esforço individual de superação de dificuldades, oculta o plano social e político, gerando certa confusão na ordem dos valores. Esta situação nos fez acentuar a tônica política das intervenções, aprofundando a relação entre, por exemplo, a exclusão social e a participação política, de modo a revelar uma idéia radical sobre o heroísmo.

Neste sentido, observar-se que, desde a Antiguidade, o heroísmo está ligado a uma missão a ser cumprida, modelo este que é sintetizado no mito de Héracles. Esta missão, que determina mesmo o surgimento do Herói, envolve uma série de virtudes e capacidades, como coragem, força, inteligência, sagacidade. Segundo Luc Ferry, o herói grego luta contra aquelas forças que representam uma ameaça à ordem estabelecida por Zeus. Trata-se da luta das forças da ordem contra a constante ameaça das forças do caos. Esta concepção do heroísmo ainda se faz presente nas representações atuais. É o caso de diversos super-heróis que, para combater as forças da desordem atual - o crime organizado, as ameaças à paz, a destruição do planeta, etc – passam a se identificar às forças de conservação e a um Estado policiado. Assim, enquanto o herói tradicional se move num mundo dicotômico, ao deslocarmos estas questões para nossos dias tudo se torna mais complexo, pois podemos nos perguntar: quem são as forças do caos e da ordem na atualidade? Num mundo marcado pela instabilidade do sistema econômico, pelas crescentes crises climáticas, por um quadro social de crescente exclusão e miséria, pelo crime organizado, pela corrupção dentro e fora do Estado, pela omissão do poder público, pela violência praticada contra os direitos humanos pela própria polícia, torna-se impossível distinguir as forças do caos das forças da ordem, os heróis dos vilões, o bem do mal. Assim sendo, uma das questões que tem perpassado o trabalho do Coletivo é:

qual a missão do herói num mundo caótico e trágico?

Resgatando e atualizando estes temas, desenvolvemos a ideia da criação artística enquanto missão. Assim como fazem os pichadores que se vangloriam de colocar suas assinaturas em lugares de difícil acesso, os Heróis do Cotidiano se propõem a realizar intervenções que envolvam perigos, dificuldades e riscos, na medida em que o risco parece mesmo ser essencial à arte da performance. Além disso, nesta perspectiva que opera com os conceitos de caos e de ordem, julgamos também que, contrapondo-se à ideia do Herói como força ordenadora, as ações performáticas do Coletivo devem apontar para um sentido de desordem, de revelação do fator caótico. Assim, na performance **Poder da Invisibilidade**, a missão desordenadora consiste em apontar para aqueles que, para Michel Onfray, situam-se no plano superior da “cartografia da miséria” (ONFRAY, 2001, p. 60): os indigentes, os malditos, aqueles que indicam a presença de uma regressão da espécie humana. Já na performance **Des-necessitados**, a desordem é revelada no próprio discurso do consumidor e na quantidade de objetos inúteis que são exibidos para a “troca” e que, surpreendentemente, terminam por serem valorizados por um consumidor.

Por realizar performances e intervenções urbanas, o **Coletivo de Performance Heróis do Cotidiano** lida com uma população bastante diversificada, onde se encontram múltiplas esferas sociais, desde a mais baixa, até uma parte da população com um grande poder aquisitivo. Ao lidarmos com a camada social e econômica mais baixa, deparamo-nos justamente com aqueles que configuram o antípoda do próprio herói, isto é, o excluído social, o ser humano que, aos olhos da sociedade, perdeu sua humanidade, transformando-se em objeto, até chegar a um ponto de “invisibilidade”. São pessoas que ocupam alguns campos de visibilidade significativos, como as praças agora cercadas por grades, as escadarias de igrejas, a proximidades dos hospitais, os viadutos, entre outros. Invertendo a análise do panóptico proposta por Michel Foucault, onde o ser submetido ao controle “é visto, mas não vê; é objeto de uma informação. Nunca sujeito de uma comunicação” (FOUCAULT, 1994, p.195), aqui o excluído vê, mas não é visto, ou melhor, só é visto quando se torna uma ameaça para uma determinada ordem. Assim, em diversas ações, o Coletivo busca estabelecer contato com os excluídos, tornando-os sujeitos de uma comunicação.

É com este intuito de gerar visibilidade, de tornar sujeito da comunicação e de estabelecer espaços de convivência real entre seres extremamente distintos do ponto de vista social e econômico que foi criada a performance **O banquete dos heróis**.

3 O banquete dos heróis

O banquete foi escrito por volta de 380 A.C por Platão. Trata-se de um dos textos mais conhecidos e acessíveis escritos pelo filósofo ateniense. No contexto cultural

grego, os banquetes apresentavam-se como uma grande festa mundana, sendo a parte final das hecatombes, onde um animal era sacrificado numa cerimônia coletiva e onde, após a refeição, os participantes bebiam juntos, discutindo temas e ideias. Platão utiliza-se desta prática cultural grega para discutir aquele que seria, não somente um tema central da Filosofia, mas, além disso, uma das disposições fundamentais da vida humana: o Amor. Neste texto, Platão desenvolve uma série de diálogos onde os convivas (Sócrates, Fedro, o comediógrafo Aristófanes, o poeta Agáton, o médico Erixímaco, entre outros) expõem várias opiniões sobre o Amor, opiniões estas que mostram o famoso mito das almas gêmeas, um relato sobre a origem do Amor (enquanto filho do Recurso e da Pobreza), o homoerotismo, o amor sensual e o amor espiritualizado, entre outros. Ao final dos discursos, Sócrates expõe sua opinião sobre o tema, revelando o Amor ou *Eros* como um princípio fundamental que dá impulso àquela que seria a maior das virtudes: a Sabedoria. Deste modo, um dos elementos que o texto nos mostra é que o convívio e o debate apresentam-se como atividades fundamentais para a construção de novos conhecimentos, em suma, o banquete é uma das práticas onde pode brotar a atividade reflexiva chamada de Filosofia. Assim, no contexto platônico, o trabalho filosófico não se dissociava do prazer, nem era visto como uma prática isolada, feita para especialistas, mas sim como atividade comunitária.

O Coletivo de Performance Heróis do Cotidiano retoma este texto não somente para ouvir discursos sobre o Amor proferidos por pessoas extremamente diversificadas, mas também para exercitar uma prática artística de caráter relacional, buscando instaurar um espaço de convivência, onde aspectos da intimidade venham a ser postos em espaço público, de modo a criar novas percepções e resgatar formas de sociabilidade pouco presentes na atualidade, como é o caso da sociabilidade instaurada pelos banquetes.

A performance **O Banquete dos heróis** se caracteriza do seguinte modo: os Heróis armam uma grande mesa com 12 cadeiras, num lugar público, onde haja certo fluxo de transeuntes. Nesta mesa são colocados diversos tipos de alimentos (frutas, pães, bolos, café, sucos), caracterizando um café da manhã, por exemplo. Os Heróis convidam cerca de 12 transeuntes para o Banquete, esclarecendo que sua participação tem uma condição: o conviva do banquete deve falar sobre o Amor. Os Heróis conduzem a discussão de acordo com os temas que são apresentados na obra de Platão, tais como o amor espiritual e o amor carnal, o amor platônico, o homoerotismo, a coragem para amar, o sacrifício por amor, entre outros, atualizando-os. Os participantes iniciam um debate sobre os temas, discutindo ideias, citando exemplos, contando histórias pessoais, fazendo perguntas, questionando-se entre si. Aos poucos, os 12 participantes iniciais vão cedendo seu lugar para novos convidados. Toda a performance é registrada em vídeo por um Herói, pois a meta da intervenção é a criação de um filme (curta-metragem) onde estejam registrados parte dos discursos gerados sobre o Amor.

Assim, ao se armar um banquete em espaço público, aberto a todos, o Coletivo parece instaurar aquilo que Hakin Bey chama de uma “zona autônoma temporária”

(TAZ). Embora o autor não defina com precisão o que vem a ser uma TAZ, ele nos indica que se trata de um espaço de encontro, criado com uma finalidade revolucionária, isto é, com o fim de propiciar uma experiência de libertação das formas de controle e poder exercido pelo Estado e pela sociedade. Este espaço é criado por um grupo marcado por certo nomadismo, que busca a vivência imediata da realidade e uma intensificação dos seus afetos. Por suas características, a TAZ parece guardar certa semelhança com o conceito de heterotopia formulado por Foucault, isto é, uma utopia realizada. Interessante observar ainda que Hakim Bey utiliza-se da imagem do jantar, do banquete, para caracterizar a TAZ como um encontro de natureza festiva, onde se dá uma suspensão daquele que seria o tempo profano e onde as estruturas de autoridade se dissolvem no convívio e na celebração:

A essência da festa: cara a cara, um grupo de seres humanos coloca seus esforços em sinergia para realizar desejos mútuos, seja por uma boa comida e alegria, por dança, conversa, pelas artes da vida. Talvez até por prazer erótico ou para criar uma obra de arte comunal, ou para alcançar o arroubamento do êxtase (BEY, 2001, p. 9).

Segundo o autor, a TAZ teria caráter utópico no sentido em que vem intensificar a vida cotidiana, fazendo com que o extraordinário, o inabitual, o maravilhoso venham esgarçar as fronteiras do que chamamos de experiência objetiva da realidade. Neste sentido, há uma conexão evidente entre este conceito e a própria arte da performance na medida mesmo em que, a partir da ação performática o espaço adquire uma nova significação durante um tempo limitado, tempo este que vem suspender as regras habituais de vivência e que vem a gerar outro modo de estar-no-mundo. No caso específico da performance **O banquete dos heróis**, nota-se que, pelo fato de o banquete ser criado num espaço público, dá-se a efetivação deste mesmo ato de suspensão das regras, de instauração de uma outra temporalidade e de inserção da dimensão do extraordinário no cotidiano. Como tal, este novo espaço que é gerado é também o lugar do prazer e do ócio. Valorizar o ócio implica em contrapor-se ao modo acelerado de vivência que o valor da produtividade impõe a todos os habitantes dos grandes centros urbanos. O ócio instaura um tempo para a convivência, cada vez mais escassa em função do tempo dedicado ao trabalho e aos negócios. Neste sentido, o amor é um dos temas privilegiados para possibilitar esta transformação, tanto do espaço, quanto da disposição afetiva.

De um modo geral, julgamos que é esta transformação do espaço que possibilita também uma mudança radical na atitude ou disposição afetiva dos transeuntes que se propõem a participar do banquete. Isto é, o momento em que os transeuntes “entram” no novo espaço corresponde a uma passagem para a esfera poética: é nesse momento que a palavra passa a ser valorizada, é neste momento que a dimensão da escuta torna-se um valor preponderante, é neste momento que até os excluídos da sociedade (os moradores de rua que, invariavelmente, participam destas ações) ganham um espaço para falar, para escutar, para ver e ser visto pelos outros. Aqui se dá um entrelaçar de vários discursos,

pois pessoas de diferentes níveis sociais passam a conviver de modo real. É por este motivo que, nesta performance especificamente, a dimensão do discurso é fundamental: o registro e a edição das diversas falas constitui para o Coletivo uma verdadeira criação dramatúrgica, na medida mesmo em que percebemos nos diversos discursos a presença de formas narrativas (pessoas que contam suas experiências pessoais), de discursos que se confrontam, de depoimentos e lembranças marcadas por certo lirismo, de tiradas cômicas criadas a partir de uma situação repentina, de descrições de situações risíveis ou tristes, enfim, uma série de diferentes falas que terminam por compor o que chamaríamos de um texto dramatúrgico.

Assim, na performance **O banquete dos heróis**, o que ocorre é que o participante é, na verdade, o co-criador da obra: se, de um lado, os Heróis do Cotidiano criam a situação que irá gerar a diversidade dos discursos, por outro, são os participantes que, correspondendo a essa provocação, proferem os discursos que irão constituir o núcleo da obra. Neste sentido, esta performance dialoga diretamente com a proposta de Nicolas Bourriaud, cuja teoria da estética relacional aponta para a ideia da criação de espaços de convivência, nos quais as situações venham favorecer uma troca verdadeira entre as pessoas, contrapondo-se assim aos dispositivos da cidade, que promovem sempre mais a dicotomia entre espaços públicos funcionalizados e espaços privados particulares. Assim, a ideia básica da performance é a valorização de formas de sociabilidade diferentes das vigentes nas práticas culturais atuais e, conseqüentemente, uma reinvenção irônica do texto platônico a partir do registro de diversos discursos contemporâneos sobre o amor. Assim, no meio de toda a miséria e desigualdade presentes em nossa sociedade, a performance *O banquete dos heróis* aponta para uma possibilidade de uma vivência extra-ordinária, utópica, aponta para um espaço poético, onde se fundem reflexão filosófica, humor, lirismo, narrativa, memórias, sofrimentos e alegrias.

Conclusão

As performances do **Coletivo de Performance Heróis do Cotidiano** buscam a criação de zonas de desordem, de estranheza e de caos, enquanto modos de subversão da percepção habitual da realidade sensível e como forma de revelação do próprio estado caótico do mundo atual. Neste sentido, o ideal de heroísmo que é promovido pelo Coletivo se distingue da posição tradicional, a qual associa o herói a alguém que assegura defende a ordem agindo contra as forças da desordem. Contudo, esta instauração da desordem não se confunde com a agressão ou a violência. Pelo contrário, partindo do princípio de que a vida social contemporânea é marcada pela total falta de sociabilidade, o que se pretende aqui - enquanto ação revolucionária - é se criar zonas de troca e partilha reais, zonas de participação e de escuta, enfim, um espaço onde os afetos sejam partilhados com intensidade. Enfim, busca-se aqui criar um espaço poético, mais precisamente busca-se um ativismo poético. Neste sentido, assim como ocorre na teoria

da TAZ proposta por Hakim Bey, trata-se aqui de se criar eventos onde seja possível se experienciar a libertação - ainda que transitória - das forças de controle, vigilância e domínio. **O banquete dos heróis** dialoga assim com algumas teorias contemporâneas acerca das relações entre arte e sociedade, como a estética relacional e a TAZ, instaurando um evento onde não se define quem é ator/*performer* e quem é espectador, o que é e o que não é obra de arte, o que é arte e o que é vida.

Referências Bibliográficas

- 1] BEY, Hakim. *Zona Autônoma Temporária*. São Paulo: Editora Conrad, 2001.
- 2] BOURRIAUD, Nicolas. *Estética relacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- 3] CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2002.
- 4] ECO, Umberto. O super-homem de massa. Retórica e ideologia no romance popular. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- 5] FERRY, Luc. *A sabedoria dos mitos gregos. Aprender a viver II*, Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. .
- 6] FOUCAULT, Michel. *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- 7] FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir. Nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- 8] GUATTARI, Felix. *Caosmose. Um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 1992.
- 8] HUGUES-HALLETT, Lucy. *Heróis. Salvadores, traidores e super-homens*. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2007.
- 9] ONFRAY, Michel. *A política do rebelde. Tratado de resistência e insubmissão*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- 10] SAUVAGNARGUES, Anne. *Deleuze et l'art*. Paris: Presses Universitaires de France, 2006.

¹ MOTTA, Gilson. Doutor. Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. Escola de Belas Artes, Departamento de Artes Utilitarias, e-mail: mottagilson@hotmail.com